

A POSTURA CAMUSIANA PERANTE O SUICÍDIO FÍSICO¹

Danilo Rodrigues Pimenta²

Resumo: Este trabalho busca investigar o problema filosófico por excelência, a saber, o suicídio. A pretensão é saber se o suicídio pode ser uma das possíveis conseqüências do absurdo, ou seja, se há uma lógica que leve da constatação do absurdo ao suicídio. A partir do momento em que o absurdo, isto é, a inadequação ontológica entre o homem e mundo, é reconhecido como uma paixão dilacerante a questão é saber se devemos viver conscientes da absurdidade da existência ou se a renúncia do existir é uma atitude coerente perante o absurdo.

Palavras-chave: homem, mundo, absurdo, suicídio.

Abstract: The article tries to investigate the philosophical problem by excellence, that is, suicide. The assumption is to know if suicide can be one of the possible consequences of the absurd, that is, if there is a logic that leads from evidencing the absurd to suicide. From the moment the absurd, that is, the ontological inadequacy between man and world, is recognized as a dilacerating passion, the question is to know if we should live conscious of existence's absurdity or if the renounce of existence is a coherent attitude towards the absurd.

Key words: man, world, absurd, suicide.

¹O presente artigo é parte do primeiro capítulo de minha dissertação de Mestrado, intitulada “A criação absurda segundo Albert Camus”, realizada no Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da Universidade Federal de Ouro Preto.

²Doutorando em Educação na Unicamp com o projeto “Literatura e educação em Albert Camus”. É integrante dos Grupos de Pesquisa “Filosofia Prática” e “Paidéia: Grupo de Ensino e Pesquisa em Filosofia da Educação”, ambos cadastrados no CNPq e coordenados pelos prof. Dr. Claudio Reis (UnB) e César Nunes (Unicamp), respectivamente.

“Só existe um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder a questão fundamental da filosofia” (CAMUS, 1965b, p. 99), afirma Camus logo no início de seu ensaio sobre o absurdo. Mas terá a história da filosofia dado a devida atenção ao problema filosófico por excelência? Em nossas bibliotecas as prateleiras dedicadas à filosofia contém um grande número de obras cujo tema central é o suicídio? Certamente não. *O mito de Sísifo* mostra que o despertar da vida maquinal, a ruptura com os gestos cotidianos, é definitivo.

A reflexão ética tradicional é muito superficial. Nela, notamos uma falta de radicalidade em dar por respondidas questões fundamentais, tais como o sentido da vida humana, a continuação do existir etc. Antes de responder como viver, como fazer desse mundo um mundo agradável – ou pelos menos suportável –, devemos responder se a vida vale apenas ser vivida. Se ela não vale a pena, é estéril toda tentativa de fazer desse mundo o melhor dos mundos possíveis. Assim, percebemos que a ética tradicional começa pela metade. Antes de responder se devo viver, ela busca uma resposta para o problema do como viver. Os filósofos passam pelo problema do suicídio, na maioria das vezes, de maneira rápida e superficial e quase sempre para condenar³. As condenações ao suicídio são, em sua maioria, levianas. Percebemos que os filósofos abordam essa questão por uma obrigação metodológica, que denomino metodologia afirmativa. Ou seja, uma metodologia de análise da existência humana que tem como conclusão o “sim” irrestrito ao existir. Isto é, o ‘sim’ incondicional e dogmático à vida. Nessa perspectiva, viver é um dever, é um super imperativo⁴.

Em *O mito de Sísifo*, o problema do suicídio é central. Todavia, Camus não o examina em uma perspectiva social⁵, mas individual, ou seja, na exata medida em que ele apresenta-se como uma resposta ao problema do absurdo, isto é, a desproporção entre o homem e o mundo.

³ Recentemente Fernando Rey Puente organizou a coletânea *Os filósofos e o suicídio*, na qual há textos de filósofos antigos, medievais, modernos e contemporâneos sobre o tema em questão. Nela, encontramos apenas pequenos textos, com exceção da introdução do organizador, o que mostra que o suicídio não foi uma grande preocupação na história da filosofia.

⁴ Vale lembrar de Julio Cabrera, em seus textos de ética negativa são tecidas duras críticas ao “sim” incondicional, típico das éticas afirmativas. As principais obras de Cabrera sobre esse tema são *Projeto de ética negativa* (São Paulo: Mandacaru, 1990) e *Crítica de La Moral Afirmativa. Un ensayo sobre nacimiento, muerte y valor de la vida* (Barcelona: Gedisa, 1996).

⁵ Como fez Emile Durkheim em *O suicídio*.

Como foi afirmado acima, o suicídio é o problema filosófico por excelência. Logo, outros problemas são secundários: “se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias” (CAMUS, 1965b, p. 99), se os animais pensam, se a propriedade é uma categoria apenas de objetos, se os eventos mentais são eventos físicos, se é possível autonomia na obra de arte etc. Trata-se de jogos. Antes, é preciso responder se a vida vale a pena ser vivida. O suicídio é o problema filosófico por excelência, porque traz conseqüências definitivas. Assim, afirma Camus, “se eu me pergunto por que julgo que tal questão é mais urgente que outra, respondo que é pelas ações a que ela se compromete” (CAMUS, 1965b, p. 100). Ninguém nunca morreu por causa do argumento ontológico (CAMUS, 1965b, p. 99), assim como ninguém morreu em decorrência da autonomia da obra de arte ou da natureza dos eventos mentais. No *Mito*, Camus dá exemplo de Galileu, que renunciou a uma importante descoberta científica quando sua vida esteve em perigo.

Em certo sentido fez bem. Essa verdade não valia o risco da fogueira. É profundamente indiferente saber qual dos dois, a Terra ou o Sol, gira em torno um do outro. Em suma, é uma futilidade. Mas vejo, em contrapartida, que muitas pessoas morrem por considerarem que a vida não vale a pena ser vivida (CAMUS, 1965b, p. 99).

Assim, notamos que problemas essenciais, para o autor de *O mito de Sísifo*, são aqueles que eliminam ou aumentam a paixão de viver. Por isso, a questão do sentido da vida é fundamental. Todavia, na perspectiva camusiana, trata-se “da relação entre o pensamento individual e o suicídio” (CAMUS, 1965b, p. 100), pois “começar a pensar é começar a ser minado” (CAMUS, 1965b, p. 100), é a lucidez diante a existência que pode levar o homem à rejeição do existir. Há causas para o suicídio. Nossa intenção não é mostrar o instante exato em que o espírito apostou na morte, mas investigar o que esse ato supõe.

Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo que instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e da inutilidade do sofrimento (CAMUS, 1965b, p. 101).

Camus, em seu ensaio de 1942, acredita que todos os homens já questionaram, pelo menos uma vez, a razão de existir, e que há um laço direto entre esse questionar e a aspiração ao nada (CAMUS, 1965b, p. 101). Daí a importância desse tema, a relação entre o absurdo e o suicídio, isto é, o suicídio como uma solução ao problema do absurdo, tornando-o central no *Mito*. Acrescente-se que a crença na absurdidade conduz as ações de homens que estão

dispostos a levar essa certeza às últimas conseqüências, visto que aqueles que se suicidam têm certeza da falta de sentido da vida (CAMUS, 1965b, p. 102).

Em uma primeira leitura, pode parecer que para Camus a falta de sentido leva obrigatoriamente a declarar que a vida não vale a pena ser vivida, porém, com um pouco de prudência, percebemos que “na verdade não há nenhuma medida obrigatória entre esses dois juízos” (CAMUS, 1965b, p. 103)”. Segundo Albert Camus, não há uma inferência entre o absurdo e o ato de abandonar a vida, sendo que no homem há um desejo natural de viver.

No apego de um homem à sua vida há algo mais forte do que todas as misérias do mundo. O juízo do corpo tem o mesmo valor que o do espírito, e o corpo recua diante do aniquilamento. Cultivamos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar (CAMUS, 1965b, p. 102).

As pessoas que morrem por suas próprias mãos estão certas da falta de sentido, elas seguem o sentimento do absurdo até seu próprio fim. A questão é, “há uma lógica que chegue até a morte?” (CAMUS, 1965b, p. 103). Para chegarmos a uma resposta precisamos seguir sem paixão desordenada, a única luz da evidência, ou seja, devemos investigar sem esquecer a única verdade que temos⁶, a absurdidade da existência para, enfim, saber se o suicídio é uma resposta coerente ao problema do absurdo.

Camus nos mostra que temos algumas respostas: morrer, escapar pelo salto e manter a aposta dilacerante e maravilhosa do absurdo (CAMUS, 1965b, p. 137). É justamente na terceira opção que o homem nutre sua grandeza, “com o vinho do absurdo e o pão da indiferença” (CAMUS, 1965b, p. 137).

Segundo Albert Camus, “aceitar a absurdidade de tudo que nos cerca é uma etapa necessária” (CAMUS, 1965h, p. 1425). A falta de sentido na existência é na verdade um estímulo à vida, não o contrário. Na perspectiva camusiana, o suicídio é “uma fuga” (CAMUS, 1965C, p. 416), “um insulto à existência” (CAMUS, 1965b, p. 103), “uma evasão” (CAMUS, 1965b, p. 100), “uma negação de si mesmo” (CAMUS, 1965c, p. 414) e “uma negra exaltação” (CAMUS, 1965c, p. 417). Diante disso, a atitude coerente, pensa Camus, é manter a vida em face ao absurdo, isto é, manter a existência para manter o absurdo. Viver o absurdo é a opção camusiana. Essa opção, fazer viver a absurdidade, é o que constitui a grandeza da existência. Portanto, o suicídio não é uma resposta coerente ao absurdo, sendo que, para o franco-argelino, suicidar é um ato contrário à inadequação metafísica, visto que

⁶ Vários pensadores descobriram o absurdo, mas não se mantiveram fiéis a essa constatação, isso Camus chamou de “Suicídio Filosófico”.

esse ato elimina o confronto que há entre o homem e o mundo, ele é uma fuga, não uma solução. “Ele [o suicídio] é uma fuga da realidade, porque retira do homem a responsabilidade de seu próprio destino” (PIMENTA, 2004, p. 52-53). Há em *O homem revoltado* uma significativa passagem sobre a necessidade de manter a absurdidade.

A última conclusão do raciocínio absurdo é, na verdade, a rejeição do suicídio e a manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo. O suicídio significaria o fim desse confronto, e o raciocínio absurdo considera que ele não poderia endossá-lo sem negar suas próprias premissas. Tal conclusão, segundo ele, uma fuga ou liberação. Mas fica claro que ao mesmo tempo, esse raciocínio admite a vida como único bem necessário porque permite justamente esse confronto, sem o qual a aposta absurda não encontraria respaldo. Para dizer que a vida é absurda, a consciência precisa estar viva (CAMUS, 1965c, p. 415-416).

Percebemos que Albert Camus justifica a vida, isto é, justifica seu “sim” à vida pela necessidade de manter o absurdo. Portanto, fica claro que o absurdo é metódico, é o método camusiano para afirmar a vida. É um equívoco apresentar Camus como pessimista, uma leitura prudente nos mostra o contrário. O *Mito* revela bem um semblante arquitetural e, apaixonadamente, ele se prepara para futuras construções. Roger Quilliot notou bem que, “o raciocínio para qual o Camus justifica a recusa do suicídio aparentemente não é um raciocínio. É de fato uma justificação *a posteriori* de uma realidade” (QUILLIOT, 1965h, p. 1610), posto que o absurdo é o ponto de partida no qual Camus sabe perfeitamente onde vai chegar: ao “sim” à vida. Portanto, a análise do absurdo torna-se uma recusa do suicídio. Em seu próprio ensaio fica claro que a análise sobre o absurdo é metódica, fazendo parte, portanto, do que denomino metodologia afirmativa.

Se considero verdadeiro esse absurdo que rege minhas relações com a vida, se me deixo penetrar pelo sentimento que me invade diante do espetáculo do mundo, pela clarividência que impõe a busca de uma ciência, devo sacrificar tudo a tais certezas e encará-las de frente para poder mantê-las. Sobretudo, devo pautar nelas minha conduta e persegui-las em todas as suas conseqüências (CAMUS, 1965b, p. 113).

Logo, o que é verdadeiro deve ser preservado, assim o absurdo como primeira evidência deve ser mantido. Dessa maneira, percebemos que a confrontação também gerou um método. O absurdo é, escreve Camus em *O homem revoltado*, “um ponto de partida, o equivalente, na existência, à dúvida metódica de Descartes” (CAMUS, 1965c, p. 417). É pela sensibilidade que Camus chega à sua primeira evidência, a seu ponto de partida, nisso

percebemos um cartesianismo natural. Notemos que “pessoas, coisas e idéias são ‘filtradas’ através do ‘eu sinto’ como primeira e única certeza irremovível” (HENGELBROCK, 2006, p. 31). Disso resulta uma sólida distância em relação aos sistemas filosóficos, que por sua vez, são secundários e precisam ser ratificados pela sensibilidade. A falta de sistematização acadêmica não é resultado de uma limitação intelectual, mas de um estilo⁷. Quem está convicto da falta de sentido da vida não perde tempo escrevendo livros eruditos, uma vez que a proposta deste filósofo é “reduzir o pensamento a sua essência, correspondente ao desejo de não cair numa retórica cheia de palavras e de sentir os problemas naquela simplicidade com que primitivamente a vida nos apresenta” (HENGELBROCK, 2006, p. 25).

O absurdo corresponde a uma forma tradicional do filosofar francês, sendo que a consciência apresenta-se como o correto caminho para a compreensão do mundo e do eu. O pensamento camusiano está à serviço da vida. Assim, notamos que o empirismo vital⁸ agora aparece como um vitalismo cognitivo, isto é, um conhecimento para a vida. Isso é elucidado na referência a Galileu no início do *Mito*, “Galileu que sustentava uma verdade científica importante, abjurou dela com maior tranquilidade assim que viu sua vida em perigo. Em certo sentido, fez bem. Essa verdade não valia o risco da fogueira” (CAMUS, 1965b, p. 99). A questão fundamental da filosofia tem consequência imediata, por isso é urgente. Portanto, o conhecimento que interessa a Camus são aqueles que refletem de maneira ligeira em nosso agir e, certamente, a erudição não é uma forma de conhecimento que interessa ao autor de *O mito de Sísifo*.

O suicídio representa a profunda interrogação sobre o sentido da vida. Porém, muitas pessoas ficam apenas na interrogação, “trata-se da maioria” (CAMUS, 1965b, p.102), refletem sobre sua existência, mas nunca decidem sair de sua condição de existente⁹, pois “o corpo recua diante do aniquilamento” (CAMUS, 1965b, p. 102), sendo que “adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar” (CAMUS, 1965b, p. 102). A conclusão do absurdo é manutenção do confronto entre o homem e o mundo. Fazer gestos para encurtar a vida é um insulto à existência. Camus constata o absurdo e diz “sim”, já que ele acredita que o que é verdadeiro deve ser preservado, o que não significa que ele será resolvido. Não há solução para o absurdo.

⁷ Em sua querela com Sartre, Camus foi acusado de pouco conhecimento de filosofia. Isso mostra que o propósito camusiano não foi plenamente compreendido.

⁸ Exposto em *O mito de Sísifo* na parte referente ao Sentimento do Absurdo.

⁹ “Alguns homens contemplam a possibilidade de suicidar-se e os mais coerentes, aqueles capazes de traduzir suas convicções em seus atos, se suicidam realmente. Não obstante, isso ocorrendo, não demonstra que exista efetivamente uma relação lógica entre o sentimento do absurdo e o suicídio” (MÁDOZ, 2007, p. 27).

Camus tem seu código de onde ele extrai outras verdades. Para ele, “uma única certeza é suficiente para aquele que busca. Trata-se apenas de extrair todas as conseqüências dela” (CAMUS, 1965b, p. 120). O absurdo, a primeira verdade, é inseparável do espírito humano.

Não pode haver absurdo fora de um espírito humano. Por isso, o absurdo acaba, como todas as coisas, com a morte. Mas tampouco pode haver absurdo fora deste mundo. E por esse critério julgo que a noção do absurdo é essencial e pode configurar como a primeira de minhas verdades (CAMUS, 1965b, p. 121).

Porém, ao contrário de Descartes, para Camus a natureza é notavelmente prática (HENGELBROCK, 2006, p. 81). Sua reflexão visa resolver problemas decisivos para o homem, como o suicídio, o assassinato e a pena de morte, entre outros.

Se julgo que uma coisa é verdadeira, devo preservá-la. Se me disponho a buscar a solução de um problema, ao menos não posso escamotear com essa solução um dos termos do problema. O único dado, para mim, é o absurdo. A questão é saber como livrar-se dele e se o suicídio deve ser deduzido desse absurdo (CAMUS, 1965b, p. 121).

Camus rejeita que o suicídio deva ser deduzido do absurdo, pois esse ato elimina o problema sem dar-lhe uma solução, eliminando o homem, um dos termos da trindade¹⁰. Os termos essenciais que configuram o absurdo são três: homem, mundo e a contradição entre ambos. A junção desses termos Albert Camus chama de “singular trindade” (CAMUS, 1965b, p. 120), destruir um desses termos é destruí-lo inteiramente. Dessa maneira, percebemos que cada vez mais a experiência absurda afasta o homem da eliminação de sua própria vida. Para o filósofo aqui estudado, o confronto entre a interrogação humana e o silêncio do mundo deve ser mantido. Logo, o absurdo serve de “premissa axiológica” (GERMANO, 2007, p. 151) para manutenção do existir.

Viver é fazer que o absurdo viva. Fazê-lo viver é, antes de mais nada, olhá-lo. Por isso, uma das poucas posturas filosóficas coerente é a revolta, o confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão. Ela é a exigência de uma transparência impossível e questiona o mundo a cada segundo. [...] Ela é a presença constate diante de si mesmo. [...] Essa revolta é apenas a certeza de

¹⁰ Trindade é um termo de cunho religioso que declara Deus como sendo uno e trino ao mesmo tempo, o que “é impossível”, “é contraditório” (CAMUS, 1965b, p.120), assim como o absurdo. Camus não ignora o pensamento cristão, a prova disso é o constante uso de termos religiosos em sua obra: “o absurdo é um pecado sem Deus” (CAMUS, 1965b, p. 128), “transcendência” (CAMUS, 1965b, p. 122, 131), “singular trindade” (CAMUS, 1965b, p. 120), além seu de seu trabalho sobre Plotino e Agostinho, *Métaphysique chrétienne et néoplatonisme*, para obtenção de Diplôme d’Études Supérieures.

um destino esmagador, sem a resignação que deveria acompanhá-la (CAMUS, 1965b, p. 138).

O absurdo tem uma consequência lógica, mas certamente não é o suicídio, é a revolta: “uma confrontação e uma luta sem tréguas” (CAMUS, 1965b, p. 121). Após a rejeição do suicídio é apontada a revolta, a liberdade e a paixão de viver como atitudes coerentes perante o problema do absurdo. A principal obra de Camus sobre a revolta é *O homem revoltado*, mas no *Mito* ela já é colocada como uma resposta ao absurdo. Sendo um protesto contra a própria condição ontológica, a revolta é contrária à renúncia, ela é um desafio e a manutenção do confronto do homem como mundo. Logo, ela é um testemunho da primeira evidência.

Na manutenção do absurdo, a liberdade é uma atitude coerente, ou melhor, a verdadeira liberdade começa com a descoberta do absurdo. Antes dessa descoberta o homem planeja seu futuro, porém após o surgimento da consciência tudo de altera. Era exatamente a vida maquinal que o impedia de exercer sua liberdade, na medida em que “ele imaginava uma meta para sua vida, ele se conformava com as exigências da meta a ser atingida” (CAMUS, 1965b, p. 65). No *Mito*, a liberdade é incompatível com a existência de uma divindade, “se Deus existe, tudo depende dele e nós não podemos nada contra sua vontade. Se ele não existe tudo depende de nós” (CAMUS, 1965b, p. 184). Ou seja, para o autor do ensaio sobre o absurdo, não pode haver liberdade que seja dada por um ser superior, “se o absurdo aniquila todas minhas possibilidades de liberdade eterna, ele, em contrapartida, devolve-me e exalta minha liberdade de ação” (CAMUS, 1965b, p. 140). Portanto, Camus não se interessa pelo conceito metafísico de liberdade. Sua investigação foi sobre o homem concreto, o homem de carne e osso. Da mesma maneira ele fez com a liberdade, sendo ela uma liberdade concreta, isto é, uma que podemos experimentar diante de nosso destino limitado e esmagador. Saber se o homem é essencialmente livre não foi uma preocupação camusiana. Além disso, o suicídio não é uma prova de liberdade, pois como foi afirmado, a verdadeira liberdade começa com o absurdo, e a eliminação da própria vida, elimina também o absurdo.

A terceira consequência da primeira constatação é a paixão de viver. Em um mundo absurdo a paixão de viver significa não apelar a qualquer tipo de divindade. Excluindo toda forma de divindade, o homem se insere melhor na temporalidade e na valorização do presente, na qual o importante é viver mais, onde o autor do *Mito* propõe uma ética da quantidade.

Enfim, o suicídio não é uma maneira para superar o absurdo porque ele aniquila o homem, um dos termos da trindade. Como afirmou Vicente Barreto, “o suicídio físico faz com que o indivíduo destrua o único meio – ele próprio – de fazer viver o absurdo” (BARRETO, 1971, p. 50). Esse é o argumento vital pelo qual Camus recusa o suicídio como solução ao desacordo existencial. Para quem afirma que “tudo começa com a consciência e nada vale sem ela” (CAMUS, 1965b, p. 107), não pode aceitar o suicídio como uma solução, ele apenas destrói o absurdo. Eliminar a própria vida, para o filósofo do absurdo, é um fracasso existencial, é “confessar que fomos superados pela vida ou que não a entendemos” (CAMUS, 1965b, p. 100). No absurdo, a vida é livre, no entanto, não significa que tudo seja permitido

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Vicente. *Camus: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor S.A., 1971.
- CABRERA, Julio. *Projeto de ética negativa*. São Paulo: Mandacaru, 1990.
- _____. *Critica de la moral afirmativa*. Un ensayo sobre nacimiento, muerte y valor de la vida. Barcelona: Gedisa, 1996.
- CAMUS, Albert. *Le mythe de Sisyphe. Essais*. Paris: Gallimard, 1965a.
- _____. *L'homme révolté. Essais*. Paris: Gallimard, 1965b.
- _____. *Textes complémentaires. Essais*. Paris: Gallimard, 1965c.
- GERMANO, Emanuel Ricardo. *O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus*. São Paulo: USP, 2007. (Tese de Doutorado).
- HENGELBROCK, Jürgen. *Albert Camus: sentimento espontâneo e crise do pensar*. Trad. Maria Luisa Guerra, Ivone Kaku. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006.
- MÁDOZ, Inmaculada Cuquerella. *La superación del nihilismo en la obra de Albert Camus: la vida como obra trágica*. València: Universitat de València, 2007. (Tese de Doutorado).
- PIMENTA, Alessandro. *A ética da revolta em Albert Camus*. Goiânia: UFG, 2004. (Dissertação de Mestrado)
- PUENTE, Fernando Rey (Org). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- QUILLIOT, Roger. *L'homme révolté: commentaires*. In: CAMUS, Albert. *Textes complémentaires. Essais*. Paris: Gallimard, 1965h.